

O uso de biografias e autobiografias de jornalistas na construção da história do jornalismo brasileiro

The use of biographies and autobiographies of journalists in the construction of the history of Brazilian journalism

Juliana BULHÕES¹
Gustavo SOBRAL²

Resumo

Buscamos mapear a prática jornalística brasileira a partir da análise de biografias e autobiografias de jornalistas. Apresentamos aqui os primeiros resultados da pesquisa no que tange ao levantamento das obras biográficas e autobiográficas publicadas. Primeiramente, abordamos o embasamento teórico, a problemática e a metodologia da pesquisa. Em seguida, apresentamos o *corpus* da investigação que, até o momento, é composto por 84 obras publicadas entre os anos 1917 e 2016. Por fim, apontamos alguns critérios preliminares a serem adotados, elegendo a análise de conteúdo como proposta metodológica a ser implementada na próxima fase da pesquisa.

Palavras-chave: Jornalismo. História do jornalismo. Prática jornalística. Biografia. Autobiografia.

Abstract

Our research seeks to map the Brazilian journalistic practice from the analysis of biographies and autobiographies of journalists. Here are the first results of research regarding the lifting of biographical and autobiographical works published. First, we discuss the proposed methodology for this phase of the research. Then we present the corpus of research that, to date, consists of 84 works published between 1917 and 2016. We point out some preliminary criteria to be adopted, choosing the content analysis as a methodological proposal to be implemented in the next phase of research.

Keywords: Journalism. History of journalism. Journalistic practice. Biography. Autobiography.

¹ Professora substituta e doutoranda em Comunicação na Universidade de Brasília.
E-mail: julianabulhoes.ad@gmail.com

² Mestre em Estudos da Mídia (UFRN). E-mail: gustavosobral1041@gmail.com

Introdução

É cada vez maior o interesse pelo estudo da biografia como uma modalidade pertencente ao gênero jornalístico, em específico ao jornalismo literário, pautando uma discussão sobre a fixação da biografia entre o jornalismo, a história e a literatura. Neste contexto, também devemos incluir a autobiografia, por ser também uma modalidade textual que pertence, quando praticada por jornalistas, ao escopo do jornalismo literário (PENA, 2006).

Biografia e a autobiografia configuram-se textos narrativos. Para Marques (2009), o ponto essencial da confluência entre jornalismo e literatura é justamente a narratividade; também vemos como junção dos gêneros literário e jornalístico o segmento do jornalismo literário. Segundo Pena (2006), o jornalismo literário absorveu o conhecimento do jornalismo diário, das técnicas e narrativas e construiu novas estratégias profissionais.

Vilas-Boas (2002, 2008) relaciona a prática da escrita biográfica ao próprio jornalismo. Costa (2004) arremeda que jornalistas são também escritores, corroborando com o apontamento de Moraes (2014) que, ao citar as obras autobiográficas de jornalistas, afirma que "em geral consistem na narrativa de um indivíduo inserido em seu grupo, entremeada com a história da imprensa e do país" (MORAES, 2014, p. 324), entendimentos a que nos filiamos, tendo em vista o objetivo central da pesquisa.

Diante desse panorama, desenvolvemos uma pesquisa que tem por objetivo construir um mapa da prática jornalística brasileira tendo como base as biografias, autobiografias e similares sobre jornalistas. Acreditamos que saber os pontos de vistas dos profissionais sobre suas práticas pode revelar aspectos da atividade da imprensa no tange às práticas de trabalho e atividade profissional por se tratar da visão do jornalista sobre o seu ofício.

Nossa pesquisa surgiu em meio à necessidade de se construir um aporte teórico para uma investigação de doutorado (AUTOR, 2015). Havia a necessidade de construção de um corpus teórico que se baseasse não somente na teoria jornalística, mas também em relatos e impressões da prática do jornalista. Tendo como inspiração a

pesquisa de Denis Ruellan (informação verbal)³, que utilizou autobiografias de repórteres de guerra para fins semelhantes, apesar das diferenças de contextos, tivemos a ideia de utilizar as biografias e autobiografias de jornalistas brasileiros para caracterizar o mundo de trabalho do jornalista.

Estando diante de um fértil objeto de investigação, que vai além da pesquisa de doutorado, resolvemos tornar as inquietações sobre o uso das biografias e autobiografias de jornalistas brasileiros uma pesquisa independente, que aqui se apresenta em forma de relato inicial.

A investigação foi desenhada em três fases: proposta de pesquisa, levantamento das obras de caráter biográfico e autobiográfico e análise de conteúdo. Apresentamos aqui os primeiros resultados da pesquisa no que tange o levantamento das biografias e autobiografias dos jornalistas brasileiros, finalizando assim as duas primeiras etapas propostas.

Primeiro, discorremos sobre biografias e autobiografias no contexto dos gêneros textuais. Depois abordamos aspectos relacionados à problemática e à metodologia da pesquisa. Em seguida apresentamos o *corpus* da investigação: localizamos 84 obras, publicadas entre os anos de 1917 e 2016; culminamos no desenvolvimento dos critérios de análise, o que servirá de aporte empírico para a próxima fase da pesquisa. Por fim, tecemos reflexões sobre os resultados preliminares da investigação.

Biografia e autobiografia no contexto dos gêneros

Não há como iniciarmos um debate acerca de biografias e autobiografias sem mencionarmos os estudos que unem os gêneros jornalístico e literário. Para Marques (2009, p. 14), "produzir textos narrativos, ou seja, que contêm uma sequência de eventos que se sucedem no tempo, é algo que inclui tanto a vivência literária quanto a jornalística". Segundo o autor, o que vai definir se uma narrativa pertence ao gênero literário ou ao jornalístico é o contexto.

Há gêneros jornalísticos que permitem uma abertura maior a técnicas literárias, como o perfil de personalidades e reportagens

³ Conferência intitulada "A utilização das autobiografias dos repórteres de guerra: usos e limites", proferida na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC-UnB) em 12 de agosto de 2015.

investigativas. Há, também, editorias com a mesma característica, como a de cultura. Tudo vai depender, afinal, de como nos aproximamos de um determinado texto. Isso não impede que o autor lance mão de técnicas literárias ao construir seu texto. Na perspectiva literária, um texto será tão mais eficaz quanto mais propor novas formas de dizer novas velhas coisas (MARQUES, 2009, p. 19).

Pena (2006), por sua vez, é um dos autores que compreende o jornalismo literário não só como gênero jornalístico, mas também apresenta-o como um conceito. Segundo ele, em nosso país o termo é classificado de diversas maneiras. Uma delas, é considerar o jornalismo literário um período da história do jornalismo e a outra ao referir-se ao jornalismo que dedica-se ao tema da literatura, senão vejamos: "[um período] em que os escritores assumiram as funções de editores, articulistas, cronistas e autores de folhetins, mais especificamente o século XIX. Para outros, refere-se à crítica de obras literárias veiculada em jornais" (PENA, 2006, p. 13).

Há outras formas de compreendê-lo. Uma segunda classificação propõe que o jornalismo literário é sinônimo de *new journalism*. Segundo Pena (2006), *new journalism* ou novo jornalismo é uma vertente do jornalismo que explorou o encontro entre jornalismo e literatura; surgiu nos Estados Unidos nos anos 1960 pelas mãos de jornalistas como Tom Wolfe e Gay Talese.

Uma terceira corrente, por sua vez, considera que jornalismo literário é aquele que abarca os textos biográficos, os romances-reportagem e a ficção jornalística. A par destas três vertentes, ora divergentes, ora convergentes acerca do jornalismo literário, Pena (2006) considera que não são excludentes e, sim, complementares. São elas a cerne do jornalismo literário, senão vejamos o conceito de jornalismo literário exposto por ele:

[É uma] linguagem musical de transformação expressiva e informacional. Ao juntar os elementos presentes em dois gêneros diferentes, transforma-os permanentemente em seus domínios específicos, além de formar um terceiro gênero, que também segue pelo inevitável caminho da infinita metamorfose. Não se trata da dicotomia ficção ou verdade, mas sim de uma verossimilhança possível. Não se trata da oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados. Não se trata nem de jornalismo, nem de literatura, mas sim de melodia (PENA, 2006, p. 14).

Para Pena (2006), o jornalismo literário absorveu o conhecimento do jornalismo diário, das técnicas e narrativas e construiu novas estratégias profissionais. Além disso, o jornalismo literário tem potencial para "ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos" (PENA, 2006, p. 06).

Tendo em vista o conceito de jornalismo literário aqui exposto, em se tratando da biografia, em nossa proposta de estudo, a priori acreditamos que esse tipo de texto pertence ao que se considera narrativa de memória, a qual está integrado também a autobiografia. Biografia vem do grego *bíos* que significa vida, e grafia do grego *grápho* que significa escrever, então biografia é escrever a vida. Biografia e autobiografia são gêneros que tratam da narrativa de histórias de vida. Na primeira, a história é contada por um narrador que não é o biografado, na segunda, a história de si emerge como narrativa em primeira pessoa.

Toda a narrativa biográfica se concentra na vida do indivíduo, portanto, não se detém apenas a aspectos pessoais e a fatos cronológicos, nasceu, viveu, morreu, mas também se constrói por todos os aspectos da vida e neles se inclui os profissionais. Os aspectos da vida são indissociáveis, e nas biografias há a presença marcante da atividade profissional do biografado.

Impossível escrever a biografia de Assis Chateaubriand, proprietário de uma cadeia de jornais, os Diários Associados, sem registrar a sua trajetória longínqua, atuante e presente na história da imprensa brasileira. A biografia do jornalista Assis Chateaubriand, portanto escrita pelo jornalista Fernando de Moraes, traz relatos e informações sobre o Chateaubriand jornalista (MORAIS, 1994).

Curiosamente, a escrita da biografia é uma atividade a que se dedicam jornalistas, historiadores, escritores e profissionais de outros campos, mas em que há predominado a autoria dos jornalistas na produção deste gênero literário, tanto que, a biografia passa a ser considerada pelo jornalismo como pertencente ao jornalismo literário.

Vale salientar que em diversos contextos os jornalistas são vistos como escritores (COSTA, 2004); seria o caso dos biógrafos com formação e ou atuação em jornalismo, tendo em vista que é premissa da nossa pesquisa que jornalista é aquele que

não só possui formação superior em jornalismo, mas que também exerce a profissão atuando nas redações, exercendo a atividade no dia-a-dia.

É preciso também, quando se trata de biografia, levar em consideração que a produção de biografias se tece a partir de uma relação intrincada de elementos, desde o interesse pela pessoa do biografado que, geralmente, é uma figura de importância e destaque social, cultural, político ou econômico, interesses comerciais da editora e acesso às fontes de informação, que são as fontes de pesquisa do biógrafo, parentes, amigos, colegas de trabalho, pessoas que conviveram com o biografado em diversas circunstâncias e as fontes documentais, certidões, papéis pessoais, como cartas e diários, fotografias, enfim, subsídios que revelem a trajetória do biografado.

No que tange a autobiografia, ela é considerada uma escrita de si, basicamente escrita pelo próprio biógrafo sobre si mesmo no intuito de narrar a sua história de vida ou uma dada experiência determinada em algum momento de sua vida, aproxima-se do diário, por ser uma escrita pessoal e reveladora, baseada nas lembranças e na memória. No entanto, é uma narração voltada ao público e que, haja visto, tem sido um espaço consagrado para os jornalistas relatarem as suas experiências não só de vida, mas também profissional.

Não nos cabe, por enquanto, neste estágio inicial de proposição, e por não ser objeto da nossa proposta de estudo, ir além neste processo de descrição e fomento das biografias e autobiografias, não é a proposta deste trabalho problematizar estas questões que já são fruto de reflexão dentre outros dos trabalhos como os de Vilas-Boas (2002, 2008) e de outros autores que refletem sobre jornalismo e biografia. A proposta de trabalho aqui é outra, qual seja, a de partir deste material bibliográfico como fonte documental válida e fidedigna para contar a experiência do jornalista no seu campo de trabalho.

Problemática da pesquisa

Nos últimos anos o boom de lançamentos de biografias escritas por jornalistas tem despertado o interesse pelo estudo da biografia como uma modalidade pertencente ao gênero jornalístico, em específico ao jornalismo literário, pautando uma discussão sobre a fixação da biografia entre o jornalismo, a história e a literatura.

Mesmo dilema que a crônica ainda vive, pois há aqueles que a classificam e defendem a sua autenticidade de gênero literário e há aqueles que registram-na gênero jornalístico. A par desta categorização, da qual pretendemos passar ao largo por não só considerarmos improfícua, tanto faz, se literatura, se história ou jornalismo, importa-nos registrar e discutir a biografia e autobiografia como legítima fonte documental capaz de configurar um relato sobre a atividade jornalística do biografado.

No entanto, passadas as questões preliminares de gênero, outros desafios se apresentam diante da confecção deste trabalho que se não forem ultrapassados não nos permitirão prosseguir. Se partimos da premissa válida e indiscutível de que biografia e autobiografia são uma fonte documental para os estudos do jornalismo, no entanto, encontramos uma série de dificuldades que, nunca postas antes na mesa, precisam ser discutidas, quais sejam, a primeira delas, a própria definição de jornalista, como considerar Machado de Assis jornalista e Rubem Braga não.

Jornalista é quem mesmo por um breve período tenha trabalhado em redações jornalísticas? Cronista é jornalista? A atividade tem que ter sido exercida durante a vida inteira, como no caso de Assis Chateaubriand? O que prova o exercício: o diploma ou nome no expediente do jornal? Como manter estes critérios ao se deparar com jornalistas da época em que o ofício não estava estabelecida como profissão e não havia formação específica para tal?

Neste contexto, partimos da premissa de que jornalista é aquele que efetivamente atuou na imprensa em atividades jornalísticas e ou se autodenomina como tal. São estes profissionais que serão considerados jornalistas e é sobre suas biografias e autobiografias que o trabalho pretende se debruçar.

Também será permitido ultrapassar o anonimato das fontes na utilização deste material como fonte de coleta de dados. Portanto, também representa uma proposta metodológica de abordagem.

Em pesquisas do nosso campo, é comum o uso da entrevista em profundidade para a coleta do relato, fonte esta considerada primária (DUARTE, 2008); já em se tratando de personagens que não estão mais vivas, os relatos biográficos e autobiográficos presentes no bojo das biografias devem ser consideradas fontes primárias, sobretudo neste caso em que se é impossível ter acesso à voz do autor. O

biógrafo, para a composição do trabalho, não só teve acesso ao próprio biografado, se este era vivo, e/ou a pessoas que testemunharam fatos vividos pelo autor.

Outro ponto pertinente, que retrata a relevância e importância desta abordagem para o jornalismo, é partir para uma nova discussão em torno das biografias e autobiografias, considerando-as como instrumental válido para pesquisa sobre as práticas profissionais do jornalista

Assim, a partir desta fonte documental, se podem ressaltar aspectos preliminares como que tipo de obra se trata, se biografia e autobiografia, o autor da obra, ano de publicação, para então partirmos para os aspectos atinentes à pesquisa propriamente dita, como a nomeação do indivíduo e os dados pessoais, data de nascimento e falecimento, gênero, formação, os veículos em que atuaram, as funções que exerceram, o tipo de veículos em que trabalharam (jornal impresso, TV, rádio etc.) e a jornada de trabalho.

E procurar investigar na narrativa aspectos que denotem a relação do biografado com o jornalismo, quais sejam: a escolha profissional, a importância da profissão na vida do biografado, dados sobre a experiência profissional, quando começou a atuar no jornalismo, os veículos em que atuou, as funções que exerceu, dentre outros. Este caminho se apresenta, portanto, como uma perspectiva nova para utilização das biografias e autobiografias dos jornalistas.

Metodologia da pesquisa

Propomos um mapeamento do jornalismo brasileiro a partir de um levantamento preliminar de obras consideradas biográficas e autobiográficas de jornalistas do país. Considerando que nem todas as obras publicadas no gênero em sua apresentação estão classificadas desta maneira, acreditamos que, por se tratarem de narrativas biográficas (MARQUES, 2009), que títulos classificados como memórias, relatos profissionais e demais obras com traços e inspirações biográficos, equiparam-se as biografias e autobiografias e, portanto, constituem material adequado a nossa proposta de investigação e assim, integram o nosso corpus. Concluída a primeira fase da pesquisa, que diz respeito ao planejamento, propomos um levantamento preliminar das obras de

caráter biográfico (biografias e autobiografias) sobre jornalistas e escritas por esses profissionais.

Segundo Marconi e Lakatos (2003), os levantamentos de dados se utilizam de três procedimentos distintos: pesquisa documental, pesquisa bibliográfica e contatos diretos. A técnica aplicada à nossa pesquisa se assemelha em parte à pesquisa documental, que segundo as autoras tem por característica o fato de que "a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias. Estas podem ser feitas no momento em que o fato ou fenômeno ocorre, ou depois" (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 174).

As autoras citam os arquivos oficiais e particulares, documentação pessoal como diários, memórias, autobiografias e relatos como fontes escritas primárias. Já as pesquisas que recorrem a diários, autobiografias e similares são fontes escritas secundárias, bem como itens da imprensa em geral e obras literárias, pois se utilizam das fontes primárias para serem constituídas, não configuradas exatamente documentos.

Nesse contexto, as autobiografias e diários profissionais escritos pelos próprios jornalistas constituem fontes primárias, enquanto que as biografias são fontes secundárias, no entanto, do limiar entre esses dois tipos de fontes nem sempre é claro.

É evidente que dados secundários, obtidos de livros, revistas, jornais, publicações avulsas e teses, cuja autoria é conhecida, não se confundem com documentos, isto é, dados de fontes primárias. Existem registros, porém, em que a característica "primária" ou "secundária" não é tão evidente, o mesmo ocorrendo com algumas fontes não escritas (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 176).

Apesar do interesse em fazer um levantamento de obras com representatividade quantitativa, nossa pesquisa é essencialmente qualitativa e na próxima fase irá se utilizar dos preceitos da análise de conteúdo. A análise de conteúdo trabalha tradicionalmente com o texto escrito e "nos permite reconstruir indicadores e cosmovisões, valores e atitudes, opiniões, preconceitos e estereótipos e compará-los entre comunidades" (BAUER; GASKELL, 2002, p. 192).

Desenvolvendo critérios de análise

Diante da necessidade de analisar o material levantado, foram identificados possíveis critérios de análise das obras. A partir de uma vasta pesquisa em bancos de dados acadêmicos, indicações de pesquisadores da comunicação e busca em referências de publicações sobre temáticas relacionadas, localizamos 84 obras, publicadas no Brasil entre os anos de 1917 e 2016. Todas as obras focam de alguma forma na trajetória ou experiência de jornalistas brasileiros, estando enquadrados, assim, não apenas jornalistas que nasceram no Brasil, mas que atuam ou atuaram nesse ofício no país.

Com relação à definição de quem é jornalista ou não, detalhe que interfere diretamente em nosso mapeamento, utilizamos o critério de autodenominação: se uma pessoa se apresenta como tal, sua autobiografia, biografia ou similar irá ser considerada nesse estudo. Não fomos pelo viés da formação, pois uma expressiva parte do nosso *corpus* é de uma época em que o ofício de jornalista não era profissionalizado e não havia cursos universitários, tendo em vista que a primeira escola de Jornalismo do país foi fundada em 1947.

Em uma primeira filtragem, levando em consideração apenas o título e a sinopse oficial de cada obra, chegamos à identificação de três categorias: biografias, autobiografias e outros, sendo essa última composta por memórias pessoais e ou profissionais; relatos profissionais e ou de experiência; e obras com traços biográficos em geral.

O resultado que obtivemos foi que das 84 obras levantadas, 38 tratam-se de biografias, 20 são autobiografias e as 26 restantes estão na categorias outros. No próximo contato com as obras, no qual iremos trabalhar com os conteúdos destas, é possível que haja mudança de categoria.

Nomeadas as categorias, nosso próximo passo foi identificar os jornalistas biografados ou cuja experiência é o foco das obras; chamaremos estes sujeitos de jornalistas-tema.

Na primeira categoria (*Tabela 1*), correspondente às biografias, identificamos de pronto que alguns jornalistas-tema são protagonistas recorrentes nas obras, sendo assim

os separamos também por quantidades de obras, que variam de uma a três. Ao todo foram 25 jornalistas-tema nessa categoria e uma obra sobre variados protagonistas.

Tabela 1: Jornalistas-tema da categoria 1 (biografias)

Uma biografia	Duas biografias	Três biografias
Assis Chateaubriand	Nelson Rodrigues	João do Rio
Blota Jr.	Nísia Floresta	Graciliano Ramos
Carlos Drummond de Andrade	Oswald de Andrade	Machado de Assis
Carlos Eduardo Zanatta	Ricardo Kotscho	Monteiro Lobato
Cid Moreira	Roberto Marinho	Raquel de Queiroz
Eça de Queirós	Roberto Müller Filho	Rubem Braga
José de Alencar	Tinhorão	
Lima Barreto	Vários	Clarice Lispector
		Olavo Bilac
		Paulo Francis
		Machado de Assis

Fonte: Elaborada pelos autores

A segunda categoria (*Tabela 2*) não foi separada por quantidade de autobiografias, pois apenas um jornalista-tema possui duas, que é Joel Silveira. É esperado que todos os autores das obras sejam os sujeitos biografados, no entanto uma das obras apresenta um coautor; no caso, a autobiografia de Walter Clark recebeu coautoria de Gabriel Priolli. Ao todo, são 19 jornalistas-tema nessa categoria.

Tabela 2: Jornalistas-tema da categoria 2 (autobiografias)

Boni	Nelson Motta	Ruy Castro
Edmar Morel	Oswald de Andrade	Samuel Wainer
Flávio Alcaraz Gomes	Paulo Cavalcanti	Villas-Bôas Corrêa
Joel Silveira	Ricardo Carvalho	Walter Clark (e Gabriel Priolli)
José Carlos Bardawil	Ricardo Kotscho	Zuenir Ventura
José Hamilton Ribeiro	Ricardo Noblat	
José Louzeiro	Roberto Freire	

Fonte: Elaborada pelos autores

A terceira categoria, denominada de outros (*Tabela 3*), foi separada por duas subcategorias: memórias e diários profissionais, totalizando 27 jornalistas-tema. Identificamos que nesses livros de memórias há muita similaridade com o formato da autobiografia, apesar de não ser explicitamente esse tipo de texto. Os diários profissionais estão em formatos diversos, desde livros de crônicas, relatos de bastidores da imprensa a rascunhos do que poderiam ser manuais de Jornalismo, como é o caso das obras de Alberto Dines e Ricardo Noblat.

Vale salientar que nesse caso os jornalistas-tema são também os autores, como nas autobiografias. Nessa categoria observamos que dois jornalistas-tema são autores de duas obras, cada: José Maria Mayrink e José Roberto Alencar e ainda que o primeiro compõe uma obra escrita em três mãos, a única da lista com essa característica, já que a outra obra com mais de um autor possui dois, que são Anderson Couto e Emerson Couto.

Tabela 3: Jornalistas-tema da categoria 3 (outros)

Memórias	Diários profissionais	
Carlos Azevedo	Alberto Dines	Lima Barreto
Carlos Drummond de Andrade	Alexandre Garcia	Luís Nassif
Cláudio Abramo	Anderson Couto e Emerson Couto	Luiz Amaral
Graciliano Ramos	Carmo Chagas, José Maria	Patrícia Maria Mesquita
Heródoto Barbeiro	Mayrink e Luiz Adolfo Pinheiro	Paulo Henrique Amorim
Jorge Amado	Eliane Brum	Ricardo Noblat
José Maria Mayrink	Eugênio Bucci	Rodolfo C. Martino
José Roberto Alencar	Gilberto Dimenstein	Zuenir Ventura
Pedro Bial	Jeferson Andrade	

Fonte: Elaborada pelos autores

Se somarmos separadamente biografias, autobiografias e outros, há 71 jornalistas-tema. Entretanto, cruzando as três categorias, podemos observar que há algumas repetições de jornalistas-tema, então esse número cai para 63 jornalistas-tema presentes nas 84 obras levantadas, deixando de fora dessa contagem uma única obra: a biografia com vários jornalistas-tema (*Tabela 4*).

Observando os dados gerais, um ponto chama atenção: a tímida presença de mulheres jornalistas-tema. Apesar de já serem maioria nas redações (MICK; LIMA, 2013; TRAQUINA, 2004), dos 63 jornalistas-tema apenas cinco são mulheres.

Quando nos deparamos com os biógrafos que não são jornalistas-tema das obras, o que corresponde aos autores apenas das biografias, podemos tecer algumas reflexões. Dos 35 biógrafos, quase dois terços são jornalistas (23) e aproximadamente um terço (12) são de outros campos, especialmente da área de Letras. Por causa desse dado, separamos os biógrafos nas categorias jornalista e não jornalista (*Tabela 5*).

Tabela 4: Todos os jornalistas-tema

Uma obra	Duas obras	Três obras	
Alberto Dines	José Hamilton Ribeiro	Carlos Drummond de	Clarice Lispector
Alexandre Garcia	José Louzeiro	Andrade	Graciliano Ramos
Anderson Couto	Luís Nassif	João do Rio	Monteiro Lobato
Assis Chateaubriand	Luiz Adolfo Pinheiro	Joel Silveira	Olavo Bilac
Blota Jr.	Luiz Amaral	José Maria Mayrink	Paulo Francis
Boni	Nelson Motta	José Roberto Alencar	
Carlos Azevedo	Nelson Rodrigues	Lima Barreto	
Carlos Eduardo Zanatta	Nísia Floresta	Machado de Assis	
Carmo Chagas	Patrícia Maria Mesquita	Oswald de Andrade	
Cid Moreira	Paulo Cavalcanti	Raquel de Queiroz	
Cláudio Abramo	Paulo Henrique Amorim	Ricardo Kotscho	
Eça de Queirós	Pedro Bial	Ricardo Noblat	
Edmar Morel	Ricardo Carvalho	Rubem Braga	
Eliane Brum	Roberto Freire	Zuenir Ventura	
Emerson Couto	Roberto Marinho		
Eugênio Bucci	Roberto Müller Filho		
Flávio Alcaraz Gomes	Rodolfo C. Martino		
Gilberto Dimenstein	Ruy Castro		
Heródoto Barbeiro	Samuel Wainer		
Jeferson Andrade	Tinhorão		
Jorge Amado	Villas-Bôas Corrêa		
José Carlos Bardawil	Walter Clark		
José de Alencar	Vários		

Fonte: Elaborada pelos autores

Apenas duas obras foram feitas em parcerias: uma das biografias de Monteiro Lobato, feita por Carmen Lúcia de Azevedo, Márcia Camargos e Vladimir Sacchetta; e a biografia de Ricardo Kotscho, desenvolvida por Mauro Júnior e José Roberto de Ponte. Todas as outras foram feitas por um só autor.

Tabela 5: Biógrafos das obras

Jornalistas	Não jornalistas	
Daniel Piza	José Roberto de Ponte	Ana Luiza Andrade
Denis de Moraes	Lilian Fontes	Benjamin Moser
Elizabeth Lorenzotti	Márcia Camargos	Carlos Alberto dos Santos Abel
Elza Miné	Marco Antônio de Carvalho	Carmen Lucia de Azevedo
Fátima Sampaio Moreira	Maria Helena Tachinardi	Constância Lima Duarte
Fernando Jorge	Mauro Júnior	Heloísa Buarque de Hollanda
Fernando Moraes	Paulo Eduardo Nogueira	Lucia Granja
Fernando Morgado	Pedro Bial	Marisa Lajolo
Francisco de Assis Barbosa	Raimundo Magalhães Júnior	Nádia Batella Gotlib
Humberto Werneck	Ruy Castro	Renato Cordeiro Gomes
José Castello	Vladimir Sacchetta	Teresa Cristina Monteiro Ferreira
José Maria Cançado		Vera Chalmers

Fonte: Elaborada pelos autores

Três biógrafos tem mais de uma obra sobre jornalistas: Raimundo Magalhães Júnior, que tem quatro; e Ruy Castro e Fernando Jorge, cada um com duas obras. A presença de mulheres biógrafas é bem mais marcante do que de mulheres biografadas: dos 35 biógrafos, 15 são mulheres e 20 são homens. Um dado curioso é que dois biógrafos figuram também na lista dos jornalistas-tema: Ruy Castro e Pedro Bial.

Considerações finais

Apresentamos aqui os primeiros resultados empíricos da pesquisa, que versa sobre o uso de obras com características biográficas e autobiográficas como alternativa viável para o desenvolvimento de um mapa do jornalismo praticado no Brasil no último século.

A partir dos dados empíricos iniciais colhidos nessa fase da pesquisa podemos fazer algumas considerações. Primeiramente, a opção de descarte do que não se trata de biografia ou autobiografia, o que chamados de categoria "outros", foi desconsiderada. Acreditamos que esta categoria pode nos fornecer dados bastante ricos no que se referem às visões dos jornalistas brasileiros sobre a imprensa e o mercado.

Nessa fase também foi possível perceber que essa categoria pode ser subdividida entre obras de memórias, que ficam no limiar com as autobiografias, e diários profissionais, que narram especialmente os bastidores da mídia. Surpreendemo-nos com a quantidade de jornalistas-tema que têm mais de uma obra em suas alusões; dos 25 jornalistas-tema com biografias, dez têm duas obras ou mais sobre suas vidas.

Com relação aos biógrafos, é possível perceber três fortes características: geralmente o trabalho é feito por uma só pessoas; a maioria dos biógrafos em nosso corpus é jornalista, o que confirma nossas suposições iniciais quanto a isso; e a inexpressiva presença de mulheres jornalistas-tema não se repete nessa categoria, pois há forte presença de biógrafas dentre as obras levantadas.

Na próxima etapa, nos utilizando das técnicas de análise de conteúdo, iremos aglutinar aos dados que já temos das obras os seguintes aspectos: biografias dos jornalistas-tema; sinopse das obras; datas de nascimento e falecimento dos jornalistas-tema; datas de publicação das primeiras edições das obras levantadas; e locais de atuação dos jornalistas-tema.

Identificaremos a relação do biografado com o Jornalismo, quais sejam: a escolha profissional, a importância da profissão na vida do biografado, quando começou a atuar no jornalismo, os veículos em que atuou, as funções que exerceu, dentre outros. Este caminho se apresenta, portanto, como uma perspectiva nova para utilização das biografias e autobiografias dos jornalistas.

As datas de nascimento e falecimento (quando for o caso) dos jornalistas-tema das obras serão comparadas às datas de publicação de suas biografias e similares, pois é provável que a maioria das obras tenham sido publicadas apenas após o falecimento, em forma de homenagem. Esses dados também tornarão possível separar os jornalistas-tema por geração, tendo em vista que de 1917 a 2016 o Brasil e também a prática jornalística se transformaram em diversos aspectos.

Saber os locais de atuação dos jornalistas terá papel importante no mapeamento da prática jornalística, pois possivelmente poderemos identificar diferenças regionais da em diferentes épocas do último século. Iremos também correlacionar essas obras, como também vamos comparar as biografias feitas sobre um mesmo jornalista-tema, quando se aplicar.

Outro item ao qual iremos nos debruçar é na identificação dos gêneros e formatos da categoria que por ora chamamos de outros, que até o momento envolve obras de memórias ou em forma de diário profissional.

Julgamos que a execução dessa fase da pesquisa à qual nos referimos foi satisfatória. Temos agora caminhos mais concretos a seguir na análise de conteúdo das obras. Temos ciência de que a lista com 84 obras tende a crescer durante todo o desenvolvimento da pesquisa. Por exemplo, esperávamos nos debruçar a obras de perfis de jornalistas, segmento que ainda vamos investigar em específico. Por fim, acreditamos que a pesquisa trará contribuições ao campo do Jornalismo e aos estudos de intersecção entre os gêneros jornalístico e literário.

Referências

BAUER, Martin; GASKELL, George (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com textos, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

COSTA, Cristiane. **Jornalistas escritores no Brasil**. Tese (Doutorado em Comunicação) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008, pp. 62-83.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.

MARQUES, Fabrício. Jornalismo e literatura: modos de dizer. **Conexão**, Caxias do Sul, v. 8, n. 16, jul. a dez. 2009.

MICK, Jacques; LIMA, Samuel. **Perfil do jornalista brasileiro: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012**. Florianópolis: Insular, 2013.

MORAES, Vaniucha. Memórias, biografias e histórias de jornalistas. **Tomo**, n. 25, jul. a dez 2014.

MORAIS, Fernando. **Chatô: o rei do Brasil**. A vida de Assis Chateaubriand. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

PENA, Felipe. **O jornalismo literário como gênero e conceito**. Anais do Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2006.

PENA, Felipe. **A Teoria do Jornalismo no Brasil: após 1950**. Publicado em 2006. Disponível em: <<http://felipepena.com/artigos/>>. Acesso em 31 maio 2016.

TRAQUINA, Nelson. **A tribo jornalística: uma comunidade transnacional**. Lisboa: Editorial Notícias, 2004.

VILAS-BOAS, Sérgio. **Biografias & biógrafos: jornalismo sobre personagens**. São Paulo: Summus, 2002.

VILAS-BOAS, Sérgio. **Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida**. São Paulo: Unesp, 2008.